



UNILA

PPGIELA

Interseccionalidade e Fronteiras

Pré-Evento - 18. Congresso Mundial de Antropologia - IUAES

12 e 13 julho 2018

Jardim Universitário | UNILA

PONTO DE MEDIAÇÃO: OS DESCAMINHOS FRONTEIRIÇOS ENTRE JORNALISMO E LITERATURA NA CONTEMPORANEIDADE LATINO-AMERICANA

Ms. Guilherme Silva da Cruz (Unila)

Email: guilhermecruzz@live.com

Resumo

A comunicação e a literatura encontram um ponto de inflexão através do jornalismo narrativo. Atualmente, ele se apresenta como uma ferramenta que diversifica as representações políticas e simbólicas do cenário latino-americano. A sua propulsão construiu uma economia que representa na América Latina uma ascensão de uma *herança* desde as *crônicas* da época colonial, passando por uma fase modernista, por outra de afirmação, até chegar nos nossos dias através das revistas digitais. Sua sedimentação estilística ocasionou um mapeamento de identidades, figuras de poder e forças políticas na região. A sua escrita, no qual desmistifica manuais de redação, possuiu nos elementos da literatura e na utilização de diferentes campos do conhecimento material para quantificar um registro atemporal. Em seus temas, observa-se uma constância de pessoas, conhecimentos e grupos que não são evidenciados por uma imprensa *corporativa, diária e massiva*. Diante disso, propõe-se com esse trabalho evidenciar um macro-gênero que articula tramas culturais e políticas com o momento social da América Latina que perpassam as consequências neoliberais, de vidas e ideias invisibilizadas, do papel do Estado, dos desafios segregacionistas, das práticas de controle, de (re)inventadas dinâmicas sociais. O jornalismo narrativo torna-se pluma para encontrar a intermediação entre a técnica narrativa, notícia e estética, intercruzando os descaminhos da análise social e as referencialidades do real, do fato e da memória.

Palavras-chave: mediação; representação simbólica; identidade; comunicação.

1. Introdução

O jornalismo narrativo contemporâneo, através do eixo fronteira, nos auxilia nessa exposição sobre as formas de representação social e mapeamento de imaginários em nossa atualidade. A produção de *crônicas* tem subsidiado em vários países uma voz contrahegemônica frente a produção midiática tradicional. Ao se utilizar de ferramentas da literatura, da sociologia, da linguagem da internet, dos quadrinhos, e de outras artes, o jornalismo narrativo se insere como identidades e formações sociais que são estigmatizadas pela compreensão de uma comunicação

corporativa, diária e massiva. Assim, esse texto trabalha com aberturas teóricas frente as propostas incitadas que cronistas de diferentes países da América Latina formataram nos últimos anos. Principalmente, pela leitura crítica da produção realizada por Leila Guerriero, Susana Rotker, Juan Villoro, Mónica Bernabé e Julio Ramos. Em detrimento de um jornalismo hegemônico, massivo e factual, temos o jornalismo narrativo com olhares etnoculturais de afirmação de uma pluralidade inclusiva. A partir desse marco, se realiza uma argumentação frente as ideias sobre fronteira para realçar os caminhos de diversidade, tramas culturais e reformulações de conceitos ambivalentes, amalgamando as formações de troca, complementariedade e diálogo. É através desse modelo de narrativa que a memória coletiva e analítica expõe um dinamismo identitário que, atualmente, se mostra temporário, constante e cambiante (HALL, 2006). Esse trabalho versa sobre a atuação de agentes políticos e a agregação de elementos de representação identitária e simbólica na América Latina por meio da produção do jornalismo narrativo. Para isso, uma reflexão sobre as formações fronteiriças auxilia na compreensão dinâmica do objeto de estudo.

2. Contrapontos de crônicas e fronteiras

Conceber a existência de contrapontos entre jornalismo narrativo e fronteiras é uma busca em mapear zonas de inflexão e crítica que visam aproximar grupos, aparentemente, distantes. Lugares e espaços permeados por leituras que abriram brechas na produção e no discurso hegemônico, subvertendo concepções e ações unilaterais sobre a história, conhecimentos e pessoas. Frequentemente, a intenção interdisciplinar de diálogo se converge em barreiras, assim converter tais barreiras em fronteiras abertas é respeitar uma complexidade que nexos compartimentados não conseguem abranger. A percepção da realidade na América Latina demanda uma observação pluridimensional, pois o isolamento não traduz o nosso momento de câmbios. Os discursos da verdade, mesclados cotidianamente pela sabedoria popular e pelos regimes da historiografia, possibilitam que os fatos sejam tratados pela imprensa de distintas maneiras – com leituras que tradicionalmente estão ligados aos aparatos do poder econômico, do controle militar e da imposição judicial.

Trazer ao seu entorno um apoio que amplifique uma outra leitura, ao articular setores, recursos e produção, é introduzir protagonismo à olhares estigmatizados, via construções coletivas e amparadas na diversidade. Pontua-se que a luta pelo discurso e pela produção simbólica, também é uma luta pela vida. A formação política e identitária na região consagra nas resoluções físicas um trajeto que compactua com discursos machistas, racistas, xenófobos e que visam o genocídio de grande parcela da população. Algo amplamente disseminado pela comunicação hegemônica, conservadora e tradicional.

Inspirada por Abdias Nascimento (1914 – 2011), Djamila Ribeiro indica a constituição simbólica como uma das primeiras violências, pois legitima e reafirma a normalidade de atos excludentes. No retrato jornalístico brasileiro, aqueles que se tornam assuntos por conta de chacinas, tráfico, que são tratados como bandidos, e julgados frente as câmeras são em sua grande maioria corpos negros. Os feminicídios, a subalternidade imposta, e os dados de encarceramento e abusos, evidenciam que a população negra sofre pela mídia hegemônica um tratamento unilateral.

es un hecho reconocido que la frontera actúa como marcador de la diferencia cultural y de la identidad. Tiene una relación directa con la definición de la alteridad. Es también una evidencia histórica que una de las funciones de las fronteras es definir comunidades culturales. En este marco existen dos direcciones para orientar la relación: la que va de las fronteras a la identidad, y al revés. Esto es, el debate sobre si las fronteras hacen la identidad, o bien si el origen de las fronteras está en la existencia previa de una identidad. La lógica de la argumentación es, en este caso, la lógica de la inclusión/exclusión, la de un ellos/nosotros. No puede haber una comunidad política sin fronteras, y no puede haber fronteras si no puede cumplir con uno de sus principales funciones: delimitar una comunidad política. Por otra parte, si las fronteras son los principales indicadores de la diferencia, son inherentemente excluyentes, y el contenedor principal del sentido de comunidad política (Zapata-Barrero,2009). La frontera es la línea que separa identidades, y es la principal fuente que legitima diferencias/similitudes. Incluso podemos decir que tras el estudio del racismo hay una concepción de las fronteras que separan a grupos de personas con variables de identidad (racial o cultural). Un argumento racista es un argumento que pone barreras a las relaciones de identidad y el que legitima relaciones de poder entre grupos culturales. (ZAPATA-BARRERO, 2012, p. 53)

Ao falar de limites, indicamos as possibilidades de transformações comunitárias e reconhecimentos do *outro*. Por isso, a encruzilhada do conhecimento, que propomos desenhar, é um avanço sobre argumentos engessadores e no limite. Dentro de um ambiente epistêmico cambaleante, de formatos e metodologias que nos é permitida, levando em sua aplicabilidade a vivência, a maleabilidade e os meios adaptativos do conhecimento que reforçam um trabalho – intencionalmente – inacabado e desajustado frente ao contemporâneo. Um respeito à complexidade

formadora de nossas identidades, grupos e coletividades. Uma formação fronteira que traduz a realidade móvel e socialmente adaptativa, uma versão do subjetivo e do contextual em cada fronteira. Essa atuação também está *empalavrada* através de narradoras e narradores que alçam técnica e mirada aos assuntos refletidos na fronteira da representação simbólica e política na região. A *crônica*, assim como as fronteiras, é multiespacial, intercambiável, polissêmica, movediça e incita dúvidas. Elas não são estáticas, nem congruentes, ou dicotômicas.

Portanto, ao falar do jornalismo narrativo aponta-se a fronteira como elemento de fusão na sua teorização em formação constante. Aquela e aquele que se visualizam na fronteira concebem em seus olhos um horizonte vagante. Uma permeabilidade de influenciar e coagir. Formando conexões de ser não só numa vertente, não somente um perfil. Se estabelece uniões entre histórias, conhecimentos e sabedorias (intra)coletivas em sua individualidade. Entre fronteiras, geralmente, se assume o risco da dúvida e da contradição. A formação fronteira, assim pensada por Gloria Anzaldúa (2007), também restabelece que o horizonte vagante muda a sua cor conforme a conjunção da sua racialização, sexualidade, cultura e classe. Mirar de frente é perceber os campos largos que se entende como identidades. Os olhos não se maquiam entre a imagem em contraluz dessas formações. Todos estão contidos na amarração de particularidades coletivas. A multiespacialidade de uma fronteira, reafirma a condução de uma identidade polivalente. Dessa maneira, localizar o jornalismo narrativo como localidade fronteira é indicar sua conformidade em entrelaçar paralelos das representações simbólicas: identidade como reação intercambiável e de movimento contínuo.

3. Territórios políticos e culturais

Escrever sobre a fronteira se torna algo que não se desconecta das formações da historiografia, da geografia, geopolítica e instrumentalização militar no qual esse conceito foi concebido. Através de noções dicotômicas, realçadas por elementos como economia, língua, território, e também por uma ambivalência clássica como o artificial-natural. Entretanto, pensar a fronteira na contemporaneidade é também formatar os novos arranjos acarretados pela dissolução prática e popular realizada sob os estigmas defendidos anteriormente. Ou seja, assumir compreensões *separatistas* e limitadoras embasam que as nuances da vivência se sobressaíram sobre certos muros e barreiras. É sabido que funções estatais de controle e exploração que instrumentalizam as fronteiras ainda existem, porém elas são entrelaçadas pela constituição pessoal e íntima de coletivos em novos arranjos, de corpos que servem como territórios sociopolíticos. O regime da verdade, e as ações do imaginário em ressignificação constante, independe da fronteira. Subjetividades que alargam, movem e reconduzem os aparatos do poder em forma de contrabando.

Assim, a fronteira que apontamos não se torna física, nem demarcada por suas aduanas, ela está fundida frente a esses instrumentos. E modula na ondulação de sua necessidade em questões de ordem que se tornam combinações numa esquina cultural e política. O ponto de mediação não fixo, através desse conceito restabelecido por este *particular-coletivo*, é também desconstrução das áreas de conhecimentos e disciplinas – aqui evidenciadas pela literatura e a comunicação.

Richard Zapata-Barrero (2009) ao falar sobre mobilidade humana e política migratória nos auxilia a desenhar algumas nuances sobre o papel em *estar* e *ser* na fronteira. Pois, esse conceito estipula tradições que anexam à fronteira o papel de universalidade em busca do ordenamento, de averiguar quem se designa como cidadão, assim como um Estado que cumpre sua atividade de proteção frente aqueles que estão fora de determinados limites (p. 42). Acompanhamos Zapata-Barrero ao notar que o conceito fronteira é “*un concepto multidimensional*”. A diversidade, assim como a dificuldade em enquadrar entre tantos enfoques, vertentes e significados listam a fronteira como algo intercambiável.

Essas concepções propiciam um olhar sobre a *crónica*, um dos gêneros do jornalismo narrativo, como atemporal e multiverso na sua aplicabilidade. Pois, desestabiliza a agenda e o tempo do jornalismo diário, corporativo e massivo baseado na linearidade e efemeridade. Para Carlos Monsiváis a *crónica* é “*género donde el empeño formal domina sobre las urgencias informativas*” (In: AGUDELO, 2011, p.11). Ou ainda pode ser entendida pela definição de Gabriel García Márquez: “*una crónica es un cuento que es verdad*”. Para María Angulo (2014) a mirada é central na transformação dessa escrita, pois trata de uma “*forma honesta de presentar lo real*” (p. 8), através do eu particular – tão amplamente criticado pelos manuais de redação. Já Leila Guerriero, um dos principais nomes dessa geração de cronistas, entende que o jornalismo narrativo: “*se enreda para después desenredarse, se hace la tierna, la procaz, la estoica, se escribe en presente perfecto, em castellano antiguo, en primera persona, se hace la poética, la minimalista, la muy seria, la barroca. Duda. Prueba. A veces se equivoca.*” (2015, p. 64). Há uma compreensão, junto com Guerriero, que esse tipo de texto se torna integrado. Juntando passado, presente, vozes, recursos e técnicas. O ponto de mediação, que aqui referendamos, possuiu a inspiração via a teorização proposta por Lezama Lima (2014), representada na formação de um *sujeto metafórico*. Uma mediação que alcança trajetória, espaço e lugar de uma visão histórica plural, conduzindo diálogos, intercâmbios ao mesclar memória, política e imaginário. Esse sujeito-mediador desmistifica linearidades, emancipando outras linguagens e expressões que possuiu na atualidade os cronistas como deságue para movimentar o tempo contemporâneo: “*El sujeto metafórico actúa para producir la metamorfosis hacia la nueva visión*” (2014, p.214).

Fusão de escrita e integração com outras vias de sua constituição, que ao estilo de Gloria Anzaldúa recria entre o alargamento de dualidades estáticas e restritas. Nos escritos de Anzaldúa

(2007) o relato absolve subjetividade e territorialidade em constante troca, abraça uma familiarização histórica – que as vezes se torna o mesmo empuxo de uma força biográfica. Nisso, a autora enfrenta preconceitos sob sua própria fragmentação. Deixando assim, a formação fluída frente aos desafios políticos e restabelecimentos identitários. Aos cronistas contemporâneos lhe cabem a mesma hibridez estilística. Para o mexicano Juan Villoro, a *crónica* se trata de animal híbrido: *ornitorrinco de la prosa*.

De la novela extrae la condición subjetiva, la capacidad de narrar desde el mundo de los personajes y crear una ilusión de vida para situar al lector en el centro de los hechos; del reportaje, los datos inmodificables; del cuento, el sentido dramático en espacio corto y la sugerencia de que la realidad ocurre para contar un relato deliberado, con un final que lo justifica; de la entrevista, los diálogos; y del teatro moderno, la forma de montarlos; del teatro grecolatino, la polifonía de testigos, los parlamentos entendidos como debate: la "voz de proscenio", como la llama Wolfe, versión narrativa de la opinión pública cuyo antecedente fue el coro griego; del ensayo, la posibilidad de argumentar y conectar saberes dispersos; de la autobiografía, el tono memorioso y la reelaboración en primera persona. El catálogo de influencias puede extenderse y precisarse hasta competir con el infinito. Usado en exceso, cualquiera de esos recursos resulta letal. La crónica es un animal cuyo equilibrio biológico depende de no ser como los siete animales distintos que podría ser. (VILLORO, 2006, p. 3)

Reafirmar o sentido fronteiroço, ao focalizar o momento do jornalismo narrativo é anexar essa produção simbólica como uma ferramenta possível de efetivação contrahegemônica. É estabelecer que o viés de sua produção, enquanto mediação e diálogo como *sujeto metafórico* age no tratamento de marcadores e estigmas. Aos temas que se tornam frequentes pelos cronistas se nota um mapeamento social, numa espécie de etnografia do momento político latino-americano:

- a) Racismo e o assassinato do senegalês Massar Ba (Texto publicado pela revista Anfibia, de autoria de Omer Freixa. Cf. *Nuestras manos tambien son blancas*. Disponível em: <https://goo.gl/A9TTTm>);
- b) Prostituição (*Crónica* de autoria de Diego González Crus. Cf. *Barbie es una muñeca... y una diva tranie de las webcams en Medellín*. Disponível em: <https://goo.gl/eLr2oa>);
- c) Movimentos indígenas (Jose Nava é autor do texto publicado pela revista Malpensante. Cf. *La fuerza del ombligo*. Disponível em: <https://goo.gl/BLPkj2>);
- d) Novos fluxos migratórios (Livro de não-ficção do autor Diego Osorno. Cf. *Un vaquero cruza la frontera en silencio*. Disponível em: <http://goo.gl/jKbFUf>);

- e) Sexualidade (Textos da autora Gabriela Wiener. Disponível em: <https://goo.gl/W2YsYx>);
- f) Criação de ídolos (Texto de Juan Mascardi. Cf.: *Farré, el jugador que se habia olvidado de hacer goles*. Disponível em: <https://goo.gl/d9L4bB>);
- g) Conflitos territoriais (Especial da revista Kurtural. Disponível em: <https://kurtural.com/desterrados/>);
- h) Avanço do agronegócio (*Crónica* publicada pela revista Gatopardo. Cf.: *El rey de la soja*. Disponível: <https://goo.gl/yM87XZ>);
- i) Feminismo (Trabalho de Fernanda Miranda e Heloisa Aun. Cf.: *Fui assediada no ginecologista*. Disponível em: <https://goo.gl/2qqyqo>);
- j) Questões de gênero (Texto de Gloria Marisela Morán. Cf.: *Soy trans y tus derechos son los míos*. Disponível em: <https://goo.gl/4R86vd>); entre tantos outros assuntos.

O que vale destacar não é variação dos temas, mas sim a sua preocupação estética entre o informar e contar uma história. Contados por tantas maneiras diferentes, cada um ao seu modo, com ênfases e combinações que variam o relato em primeira pessoa, criação de imagens e descrições, monólogos, entrevistas, ambientação e recriação de cenas, diálogos, ação cronológica, ou levantamento histórico, disparidade argumentativa que as vezes dá ênfase ao conflito, aliterações, ironia, metáforas, humor, denúncia, trama, paralelismo, referências cinematográficas, das artes visuais, música, internet, entre outras áreas, também a utilização da voz onisciente, ou da multiplicidade de vozes, predileção pela cultura popular, leitura poética dos acontecimentos, intriga, suspense, etc. Essa pequena amostra, também evidencia uma crítica quanto a sua temática recorrente.

Más allá del chiste, que es un resumen bastante exacto de un estado de cosas, nadie puede dudar que la crónica latino-americana tiene oficio y músculo entrenado para contar lo freak, lo marginal, lo pobre, lo violento, lo asesino, lo suicida (yo misma podría ponder una bandeirista arriba de cada uno de esos temas: a todos los he pasado por la pluma y a algunos, incluso, varias veces), pero em cambio tiene cierto déficit a la hora de contar historias que no rimen con catástrofe y tragedia. (...) Es probable, entonces, que la crónica latinoamericana no esté contando la realidad completa, sino siempre el mismo lado B: el costado que es tragedia. (GUERRIERO, 2014, p. 101-102)

A autocrítica da narradora argentina faz alusão à uma temática que parece comprometimento, mas também aparenta omissão. Ao indicar o jornalismo narrativo como

ferramenta contrahegemônica também incluímos críticas e falhas em sua propagação. Ao final, a sua busca também é de entendimento e compreensão de nossa sociedade.

hago lo que hago para tratar de entender. Para entender como se vive sin pies ni manos ni cara encerrado en un hospital durante médio siglo por obra y gracia de una sociedad, de la que formo parte, que dictaminó que así es como se curan esas cosas. Para entender cómo se mata lo que se acaba de parir por causa, de otras cosas una sociedad, de la que formo parte, que penaliza con ímpetu todas las variantes del aborto. Para entender cómo alguien que podría pagar la vida de varias familias enteras vendendo tan sólo sus camisas, no lo hace. Para entender a pesar de mí. Para entender sobre todo a pesar de mí. Para entender, sí, hasta que duela (GUERRIERO, 2014, p. 111)

Essa busca íntima, também deixa vazios na sua representatividade enquanto produtores e divulgação. Os custos para esse tipo de escrita também deixaram revistas especializadas com um dividendo que custou a sua continuidade, e aquelas que ainda existem repassam um valor alto para os padrões econômicos da América Latina. O número de cronistas aumentou, porém em sua representatividade enquanto raça e gênero ainda é diminuta. A formação de um perfil do cronista latino-americano ainda é homem, branco, letrado e urbano.

Desse modo, a indicação do jornalismo narrativo, enquanto pluralização narrativa, também necessita recriar seus espaços de audiência e autoria. A amplitude identitária, não hegemônica, com representatividade recriada em contraposto a mídia tradicional é um grande avanço, porém o novo passo para esse gênero jornalístico está na resignificação nos campos de recepção e produção. Reiteramos que os aparatos de controle e dominação exercem um sistema amplo para sua efetivação, e que para combatê-lo é necessário fortalecer e criar variadas ferramentas. O jornalismo narrativo, por si só não é a conflagração de uma ação transformadora, ela em conjunto com outras tantas ferramentas é quem desestabiliza e abre formações transfronteiriças em nossa sociedade.

4. As moradas do jornalismo narrativo

Desde sua formação mesclada – ao estilo de *ornintorrinco da prosa* – a *crônica* apresenta transgressões experimentais e possíveis avanços estilísticos, assim como foi no passado. A hegemonia do discurso abre brechas gerada pela crise econômica e estrutural do modelo capitalista que detectasse a atuação corporativa, massiva e diária se deteriorando, mas ainda poderosa em seu controle e doutrinação (os processos de impeachment na atualidade, e que tiveram participação das grandes corporações comunicativas são exemplos de suas influências). O que se salienta com o

jornalismo narrativo, é a possibilidade de uma ferramenta contrahegemônica, pois assim como os sistemas de poder exercem força por diferentes ferramentas, se necessita uma pluralidade de vozes para combater tais avanços. Nas *crônicas* se percebe os distintos campos de disputas, conforme ação liberal ou de esquerda, assim como conservadora, impulsionando reações de identidades forjadas no contexto pós-neoliberalismo dos anos 90 na América Latina. Portanto, movimentos sociais, identidades, temas e grupos diagnosticados no radar dessa escritura fronteiriça nos auxilia a entender a multiplicidade dos acontecimentos, da versatilidade de transformações e perfis empregados frente aos sistemas de poder.

A *crônica* em suas bordas também se direciona pela multidimensionalidade. O espaço plural da formação fronteiriça do jornalismo narrativo condiz entre a criação literária, nas aproximações culturais, em *locus* que representa a identidade em sua complexidade. Se torna espaço possível somente por sua relação cambiante, maleável e em contínuo fluxo. Por isso, sua definição e teorização se tornam esforço íntimo e muito próprio daquela e daquele que produz. Conceber o jornalismo narrativo é perceber a incapacidade de definição única e limitadora. Algumas pesquisadoras e pesquisadores como Julio Ramos (2009), Mónica Bernabé (2006) e Susana Rotker (2005) apontam uma linha do tempo da *crônica*, o que auxilia na compreensão que o “fenômeno” se trata de uma ambientação longínqua e de grande identificação dentro da cultura latino-americana.

A primeira fase seria datada aos *cronistas de las Indias*, período do século XVI que registrou a primeira mescla de discursos e estilos para narrar os ocorridos da chegada do colonizador. Nesse caso, a apropriação e a chegada do colonizador foram ferramentas permeadas por uma informação e objetividade trabalhada por um *eu* subjetivo, por uma criação de cenas, de diálogos e discursos em torno dos textos enviados para os reinados europeus. Aquilo que se tornaria narrativa história, também registrou avanços críticos sobre a violência e dominação exercido na América Latina, por isso Inca Garcilaso de la Vega (1539- 1616) e Felipe Guamán Poma de Ayla (1550 - 1616) são nomes que merecem destaque nesse período. O segundo momento da *crônica* é classificada como Modernista, pois abrange um período de profissionalização de escritores, de afirmação literata em grande intercâmbio entre as redações habitadas por romancistas e poetas que trabalhavam como correspondentes e ganhavam soldos que possibilitariam a criação de suas obras literárias. Foram das redações que nomes como Rubén Darío (1867 - 1916) e José Martí (1853 - 1895) conseguiram base estrutural e econômica para as suas posteriores criações. Essa fase está delineada pelo registro das problemáticas cidadinas, relatos de costumes e afirmação nacional que demarcavam na região no final do século XIX. Insiro uma terceira fase nessa cronologia, embasado em nomes como Elena Poniatowska (1932), Rodolfo Walsh (1927 - 1977) e Gabriel Garcia Márquez (1927 - 2014). São nomes que auxiliam na afirmação do *acento* latino-americano do jornalismo narrativo. Em meio a revolução jornalística, que transformou a concepção de produção através da notícia e de mitos como

a objetividade e credibilidade, essas autoras e autores reafirmaram a possibilidade de contar a realidade de outra maneira. Foi esse período que conseguiu alicerçar uma economia *crónica* frente à crise do jornalismo. E que avançaria para a fase atual de proliferação de revistas especializadas, livros, sites, feiras, palestras, pesquisas e oficinas que tratam a *crónica* como centralidade. A internet e as referências culturais são os novos elementos que definem os cronistas do século XXI. A lista de nomes passa pela já citada Leila Guerriero e Juan Villoro, e por Martín Caparrós, Alberto Salcedo Ramos, Josefina Licitra, Cristian Alarcón, Emilio Fernández Cicco, Graciela Mochkosfsky Daniel Riera, Gabriela Wiener, Federico Bianchini, Luciana Peker, Cristina Tardáguila, Ana Aranha, Julio Villanueva Chang, Elieen Truax, Sonia Budassi, entre outros. Realçamos que essa fase do jornalismo narrativo está em processo e em ampliação em muitos países. Basta notar os recentes lugares da *crónica* para perceber uma ampliação na autoria e acesso, como são os projetos: Kurtural (Paraguai), Tremenda Nota (Cuba), Contra Corriente (Honduras), Revista Late (Argentina), El Estornudo (Cuba), No-Ficción (Guatemala), La Kaja (México).

O conceito de fronteira, nesse preambulo, organiza a teorização de limites culturais, estéticos e criativos. No qual, a observação de dinâmicas em trocas constantes fomenta um espaço privilegiado de afirmação e existência. A simbologia da fronteira se organiza num marco polissêmico, autogestionado e plurifacetado. Dessa maneira, compreender essa modalidade jornalística apresenta a *prática*, *vivência* e *técnica* como fomentadores dessa produção, pois o tratamento de uma pesquisa aprofundada, com leituras interdisciplinares, conexas à complexidade identitária da leitura de seu tempo; pela condição narradora, no qual o estigma jornalístico é cambiado por uma visão autoral e particular; além de uma apurada técnica de exposição de ideias e conexões convergem ao cronista uma visão referencial de nossos dias.

5. Considerações finais

Essa leitura introdutória ao jornalismo narrativo na América Latina busca referendar as zonas de conflito, as contribuições e as características dessa produção simbólica, que em nossa leitura, salienta um ganho na efetivação da vida no campo das disputas sociais. O simples fato de angariar uma outra forma de tratamento ao sentido da notícia, quebrando mitos como objetividade e credibilidade, utilizando ferramentas de estilo e escrita de outras áreas, mostram a contribuição desse gênero. Dessa sua contribuição, abrange também críticas a sua representatividade de autoria e audiência que necessitam ser ampliados. A *crónica* se utiliza de temas geradoras essenciais para crítica e a pesquisa sobre América Latina. O mapeamento que se visualiza mostra relações de

figuras de poder contemporâneas, sejam elas representativas ao controle e dominação (como as forças policiais e judiciárias), como aquelas de comprometidas com transformações (como são os movimentos sociais).

Repensar o nosso momento sociopolítico, através da narrativa dessas *crônicas*, é formatar uma ação fronteiriça de margens alargadas pelas formas de atuar e fazer política na América Latina. O desafio lançado por Anzaldúa também condiz com essa formação identitária de grande contribuição para a memória social. Portanto, privilegiar aspectos que antes eram descartados, trazem as identidades contemporâneas em nossa região desbordadas pelas marcações linguísticas e políticas. Uma fronteira persuadida pelos descaminhos de seu imaginário.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La frontera**. The new mestiza. 3. ed. Aunt Lute Books:San Francisco, Ca, 2007

BERNABÉ, Monica. Prologo. In Cristoff, María Sonia, comp. Idea Crónica. **Literatura de no ficción iberoamericana**. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, Fundación TYPA. 2006.

GUERRIERO, Leila. **Zona de obras**. Barcelona: Anagrama, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

RAMOS, Julio. **Desencuentros de la modernidad en América Latina: literatura y política en el Siglo XIX**. Caracas: El Perro y La Rana, 2009.

ROTKER, Susana. **La invención de la crónica**. México: FCE. 2005.

VILLORO, Juan. **La crónica, ornitorrinco de la prosa**, 2006. Disponível em: <<https://vrr.im/1db6>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

ZAPATA-BARRERO, Ricard. **Teoría Política de la Frontera y la movilidad humana**. 2012. Disponível em: <http://dcpis.upf.edu/~ricard-zapata/~ricard-zapata/art_2.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2018.